

O NOVO FUNCIONÁRIO

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2175-3180.v16i32p341-346>

Emerson Patrício de Moraes Filho¹

Aristides era um daqueles funcionários exemplares. Sempre o primeiro a chegar e o último a sair da pequena empresa de material de construção. Na boca dos demais colaboradores ele era um bajulador e dedo-duro. Sempre disposto a dedurar ao patrão, seu Inácio, qualquer deslize dos demais. Com sua postura, ganhou a confiança de seu Inácio e o descrédito dos colegas de trabalho. Era ele quem abria a loja todas as manhãs e a fechava ao final da tarde.

Sentia-se satisfeito por cumprir todos os dias seu ofício e nutria especial respeito e consideração por seu Inácio por tê-lo confiado aquela função. Os dois, amigos de infância, tinham se reencontrado quinze anos atrás, quando Aristides encontrava-se na sarjeta por conta do alcoolismo. Inácio, compadecido do amigo, ofereceu-lhe ajuda e lhe propôs de trabalhar com ele em sua loja. Após aquele evento, Aristides pôde se restabelecer e se libertar do vício. Passou a frequentar uma igreja evangélica perto de sua casa, para a felicidade de sua esposa, dona Ivete. Jesus o havia libertado, dizia ela.

Tudo corria bem naquela pequena empresa. Dona Odete, esposa de seu Inácio, se ocupava do caixa. Vinícius, sobrinho-neto de dona Odete, se ocupava do estoque. Carlos Antônio, por sua vez, era responsável pelas entregas e Aristides fazia as vendas. Havia um segundo vendedor, Dirceu, que chegara há pouco mais de um mês. Entrou para substituir Vicente, que se demitira para abrir seu próprio negócio. Esse sujeito em particular, Dirceu, começava a causar certo incômodo em Aristides, talvez ciúmes, diriam alguns, pois mal chegara e já demonstrava certa intimidade com dona Odete, cochichando em seu ouvido e arrancando dela alguns sorrisos confidentes.

¹ Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, Paraíba, Brasil.

A clientela, já habituada, cumprimentava Aristides e dona Odete a cada entrada e saída da loja. Dirceu, por ainda ser novato, era apresentado por dona Odete aos clientes que ainda não o conheciam. Este, por sua vez, sempre os saudava com cortesia. Não demorou muito para que Dirceu se tornasse conhecido da clientela e se habituasse ao novo ofício. Antes de ocupar esse posto, havia trabalhado em uma grande empresa, na qual, após ter passado por várias funções, tornou-se gerente de vendas. Porém, um episódio de choque em sua vida o fez abandonar o cargo de forma repentina. Em um dia de diversão no final de semana perdeu sua esposa em um acidente de carro. Após beber algumas doses de whisky, decidiu pegar a estrada. Em uma curva em alta velocidade, tendo perdido um pouco os reflexos, foi parar no fundo de um precipício. Escapou com algumas escoriações, mas sua esposa, infelizmente, não teve a mesma sorte. O sentimento de culpa o fez entrar em uma depressão profunda, tendo que abandonar todas as atividades laborais e vivendo à base de remédios controlados. Foram anos a fio de isolamento e de tratamento, até que, finalmente, conseguiu encontrar forças para reconstruir sua vida. O emprego que agora ocupava representava para ele uma etapa importante de superação. Decidiu dedicar-se integralmente ao trabalho. Em uma das terapias das quais participara, ouvira uma frase citada de algum grande filósofo, cujo nome não mais se lembrava, mas de cujas palavras havia guardado com muito afago: “O trabalho nos livra de três grandes males: o vício, o tédio e a necessidade”. Fez daquilo seu lema de vida.

Após alguns meses de empresa, Dirceu já conquistara a amizade da clientela e a admiração do patrão e da patroa. Desta última talvez de forma particular. É preciso dizer que além de educado e gentil, Dirceu também possuía atributos físicos que atraíam atenção dos olhares femininos. Com seus 1m80, de físico um pouco esportivo e aparência elegante, desfrutava da gentileza de algumas clientes que sempre deixavam alguma gorjeta. Aristides, que não deixava de observar esses galanteios, desconfiava das intensões espúrias do colega: “um homem viúvo, tão jovem, não deve estar com boas intensões”.

O fato é que, com o passar do tempo, Dirceu se tornou protagonista naquele comércio. Os clientes já entravam perguntando por ele e davam preferência ao seu atendimento. Aristides, coitado, parecia ter ficado escanteado. Alguns clientes nem se lembravam mais dele e passavam sem

— Tu não vais acreditar no que eu descobri hoje, Ivete!

— O que foi, homem? (Responde a esposa espantada)

— O Dirceu ganha mais do que eu: MIL E OITOCENTOS.

— Mas como assim, homem? E como tu ficaste sabendo disso?

— Eu vi com meus próprios olhos, Ivete. Estava lá no computador de seu Inácio: R\$ 1.800,00. Agora, para tu ver, né, eu que já estou há 15 anos lá ganho R\$ 1.300,00 e esse conversador galanteador, que mal chegou na empresa, já está ganhando 1.800. É de lascar mesmo. E eu não duvido nada que ele dá até em cima de dona Odete.

— Tu achas mesmo?

— Conversador como ele é?

A discussão se desdobrou sobre os acontecimentos daquele dia e Aristides ficou resoluto de que tinha que conversar no outro dia com seu Inácio sobre aquela situação injusta, segundo ele.

No dia seguinte, Aristides chega para abrir a loja impecavelmente às 7h30, como de costume. No entanto, as visíveis olheiras em seu rosto denunciavam a noite em claro que passara, atormentado com as ideias do dia anterior.

Determinado a conversar sobre aquelas questões com seu Inácio, aproveitou a primeira oportunidade que teve para ter em particular com o chefe. Seu Inácio normalmente só chegava às 10h, mas naquele dia, talvez por intuição do destino, chegou às 9h30.

Aristides, de imediato, ficou inquieto e meio agitado. Precisava encontrar uma forma de conversar com seu Inácio sem que os demais percebessem, sobretudo Dirceu. Assim, em um momento de bastante movimento na loja, fingiu ir ao banheiro, que ficava nos fundos da loja, por trás do balcão, bem ao lado do escritório do patrão. Então, bateu sutilmente na porta. Quase instantaneamente, respondeu o velho:

— Quem é?

— Sou eu, seu Inácio, Aristides.

— Pode entrar.

Ao entrar na sala, é imediatamente indagado com curiosidade:

— O que lhe traz aqui, Aristides? Alguma coisa errada?

Aristides, por sua vez, já um pouco constrangido e menos encorajado do que há poucos instantes, responde em tom baixo:

— Eu gostaria de conversar uma coisa com o senhor?

— Sente-se!

Estando surpreso com aquela afirmação e um pouco confuso pelo fato dele ter dito que não estava ali para pedir um aumento de salário, prosseguiu seu Inácio avidamente:

— Seu Aristides, eu não sei como o senhor ficou sabendo disso. E isso é o que menos importa, no momento. Mas eu gostaria de saber: se o senhor disse que não está aqui para pedir um aumento de salário e está dizendo que não acha justo que o Dirceu ganhe R\$ 1.800 por mês, o que o senhor está querendo, então?

— Que o senhor diminua o salário dele!

Recebido em 30 de julho de 2022
Aprovado em 22 de março de 2023

Licença: 

Emerson Patrício de Moraes Filho

Doutorando em Linguagem e Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande. Mestre em Linguagem e Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande. Graduado em Letras Francês pela Universidade Federal da Paraíba.

Contato: epmf.fr@hotmail.com

 <http://orcid.org/0000-0003-3401-4542>